

ANÁLISE LITERÁRIA DA BÍBLIA: A TRAIÇÃO DE JUDAS NO EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

Ricardo Boone WOTCKOSKI¹
Claretiano Centro Universitário
Universidade Metodista de São Paulo
rwotckoski@gmail.com

Resumo: Como tipo de conhecimento que é, a literatura articula as possibilidades linguísticas com o fim último de projetar realidades possíveis. Valendo-se da experiência vivencial, a mimese literária cria o efeito de verossimilhança que torna a obra literária inteligível ao leitor. Nesse processo, o gênero literário converte-se no conjunto de convenções que tornam possíveis o processo interpretativo. No caso das narrativas bíblica e, em especial, o Evangelho Segundo Mateus, seus redatores fizeram uso daquelas convenções disponíveis em seu tempo e construíram representações verossímeis da realidade. Exemplo dessa possibilidade é a traição de Judas conforme narrada no Evangelho Segundo Mateus, cujas estratégias narrativas colaboram para uma abordagem desse evento numa perspectiva singular, criativa e artisticamente elaborada.

Palavras-chave: Literatura. Narrativa. Bíblia. Evangelho. Mateus. Judas.

1. Introdução

Neste trabalho apresentamos a possibilidade de análise das narrativas bíblicas a partir de categorias literárias. Partindo-se do pressuposto de que a literatura é um tipo de conhecimento que se articula em torno de convenções comuns a autor e audiência, procura-se aplicar esses conceitos à narrativa bíblica com foco nas convenções que lhe são comuns.

Como exemplo de aplicação dessa possibilidade, escolheu-se a narrativa da Paixão de Cristo Segundo Mateus, com especial atenção ao personagem Judas, cuja participação nos eventos que compõem seu enredo, mostra-se decisivo para imprimir literariedade e significação ao texto.

2. A Bíblia como literatura: abordagem literária das narrativas bíblicas

Geralmente considerada como livro da religião, nos últimos anos, a Bíblia ganhou espaço em círculos acadêmicos voltados à análise literária. Importantes contribuições a essa temática vêm tomando corpo, inclusive no Brasil, com a inclusão de linhas de pesquisa voltadas à investigação dos intercâmbios possíveis entre literatura e religião, literatura e texto sagrado e estudos afins.

A análise literária da Bíblia tem na tecitura do texto seu foco e conta com críticos literários como Erich Auerbach (1971; 1997) e Robert Alter (1997) como exemplos de pesquisadores que analisam as narrativas bíblicas numa perspectiva literária.

¹ Mestre em Ciências da Religião, área de concentração Linguagens da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo e docente no Claretiano Centro Universitário de Batatais.

Auerbach (1971), por exemplo, trouxe significativas contribuições ao eleger elementos constituintes das narrativas bíblicas e que as credita aptidão para representar o real e favorecer a mimese literária. Sobressaem entre os elementos apontados por Auerbach (1971; 1997), o que o autor chama de interpretação figural das Escrituras (Antigo Testamento). A interpretação figural, nas palavras do autor:

[..] estabelece uma relação entre dois acontecimentos ou duas pessoas, na qual um deles não só se significa a si mesmo, mas também ao outro e este último compreende ou complementa o outro. Ambos os pólos da figura estão separados temporalmente, mas estão, também, como acontecimentos ou figuras reais, dentro do tempo. [...] (AUERBACH, 1971, p. 62).

Para o autor, a interpretação figural das Escrituras (Antigo Testamento) foi de fundamental importância para que os cristãos do primeiro século estabelecem a relação atemporal e de continuidade entre aquelas e o Novo Testamento. Eventos, lugares e personagens das Escrituras são interpretadas como figuras daqueles que as narrativas do Novo Testamento introduzem em seu tempo, mas que permitem a projeção de um tempo espiritual.

Não só as figuras são provisórias, como são também a forma provisória de algo eterno e atemporal; apontam não só para o futuro concreto, mas também para algo que sempre existiu e existirá; apontam para algo que necessita de interpretação, que na verdade será preenchido no futuro concreto, mas que já está presente, preenchido pela providência divina, que não conhece diferenças de tempo. Esta dimensão eterna já está figurada nelas, que, desse modo, são ao mesmo tempo uma realidade fragmentária provisória e uma realidade eterna velada (AUERBACH, 1997, p. 51).

A interpretação figural, desse modo, permitiu à literatura do cristianismo primitivo representar o real a partir da experiência cultural de seus redatores e leitores pela significação interpretativa vinculada ao passado, presente e futuro do tempo bíblico em sua dimensão divina e atemporal.

As narrativas bíblicas, portanto, articulam-se numa perspectiva em que as transformações por que passam seus personagens estão diretamente relacionadas ao plano divino. Dessa forma, o saber teológico passa pelos complexos e multifacetados enredos que a Bíblia nos impõe interpretar como audiência.

A leitura das narrativas bíblicas nesta perspectiva contou com significativa contribuição do crítico literário norte-americano Robert Alter (2007), para quem a literatura configura-se num tipo de conhecimento, cujas convenções, que permitem o diálogo da obra com seu público, também fazem parte do repertório de técnicas das quais se valeram os escritores bíblicos. Ou seja, como na literatura em geral, as narrativas bíblicas fazem uso de certas convenções em que:

[...] um conjunto intrincado de acordos tácitos entre o artista e o público relacionados com a organização interna da obra de arte medeia o complexo processo de comunicação da arte. O conhecimento das convenções nos permite identificar padrões significativos, ou simplesmente agradáveis, de repetição, simetria e contraste; diferenciar o verossímil do fantástico; compreender os sinais de orientação numa obra narrativa, verificar o que é inovação e o que é deliberadamente tradicional em cada nexos de criação

artística (ALTER, 2007, p. 79).

Uma análise literária da Bíblia, portanto, pressupõe a observação das convenções que determinaram o processo criativo de seus autores. Para Alter (2007), ao menos cinco elementos encontram-se articulados nas narrativas bíblicas e que são perceptíveis ao leitor criterioso: a economia de palavras em que só é narrado aquilo que é fundamental para a compreensão do conflito e desenvolvimento do desfecho, a narração onisciente e seletiva, centrada na verbalização das ações das personagens (são instados a expressar verbalmente o que fazem), a repetição de fonemas, palavras ou construções frasais que criam um fio condutor e que indicam ao público a temática do texto, e o uso do que o autor chama de cenas-padrão.

Trata-se de um episódio que se desenvolve em um momento crucial da trajetória do herói e que se compõe de uma sequência fixa de motivos. É quase sempre associada a determinados temas recorrentes; a cena-padrão não é vinculada a Leitwörter específicas, embora um termo ou uma expressão recorrentes possam ajudar a marcar a presença de uma cena-padrão especial (por exemplo, a anunciação do nascimento do herói, os esponsais à beira do poço, a provação no deserto) (ALTER, 2007, p. 148).

Dessa forma, determinados temas se repetem vinculados a cenas similares e que assinalam o modo dos autores bíblicos lidar com as temáticas fundamentais de suas narrativas, inserindo seu protagonista em eventos semelhantes a outros já vivenciados por outros personagens das Escrituras.

Feitas estas considerações a respeito da Bíblia como literatura e apresentação das possibilidades de sua análise segundo as indicações de Auerbach (1971) e Alter (2007), segue-se sua aplicação à narrativa da Paixão de Cristo segundo Mateus, focalizando-se especialmente a personagem Judas enquanto parte da estratégia narrativa do texto em questão.

3. A Paixão de Cristo segundo Mateus: estratégias narrativas

Diferentemente de Marcos e Lucas, em Mateus, a narrativa da Paixão tem início com o próprio Jesus antecipando aos discípulos o que lhe acontecerá em breve: será entregue para ser crucificado. Aliás é justamente o verbo entregar (*παράδωμι*) que perpassa todo o relato da Paixão, formando uma unidade temática, que consiste em narrar como se deu essa entrega de Jesus. O verbo é utilizado em 26,2; 26,15; 26,16; 26,21; 26, 23; 26, 24; 26,25; 26,45; 26,46; 27,2; 27,3; 27,18, 27,26 sempre em referência à entrega de Jesus.

Os antagonistas que, ardilosamente executam o plano que culmina na crucificação de Jesus, são os líderes religiosos dos judeus. Para tanto, a narrativa articula seu enredo em torno de eventos significativos no que se refere à entrega de seu protagonista.

Para que tal entrega se concretize, os líderes religiosos contam com a atuação de Judas, um dos discípulos. Depois do próprio Jesus, em 26,2 predizer sua entrega, é Judas, em 26,15, que procura os líderes religiosos e indaga pelo valor que pagariam se o entregasse a eles.

O processo de entrega de Jesus que os eventos da Paixão relatam, portanto, têm início com Judas. O envolvimento de Judas nesse evento pode suscitar alguns questionamento. Que motivo teria Judas para entregar Jesus por algumas moedas de prata? No entanto, tais questões se diluem se tomarmos como referência as cenas-padrão de Robert Alter (2007).

Judas, Ἰούδας em grego, como observa Brown (2004, p. 297), equivale ao hebraico Judá. Conforme o relato de Gênesis 37, 26-28, Judá fora um dos doze filhos de Jacó que vendeu seu irmão José, para livrá-lo da morte arquitetada por seus demais irmãos enciumados com a predileção do pai pelo filho mais novo. Com isso, sem saber, Judá cooperou na execução do plano divino de salvar seus iguais da fome que assolou a terra de Canaã mais tarde, quando José já era governador do Egito. Nesse sentido, o acordo que Judas firmou com os líderes religiosos nos remete ao livro do Gênesis e à trama que envolveu José e seus irmãos. Mais que uma alusão às Escrituras, a semelhança entre as histórias sugere José como figura de Jesus em sua Paixão. Nos eventos que marcaram o conflito de José com seus irmãos figura, portanto, àquele vivenciado por Jesus com seu círculo íntimo de discípulos e com o seu próprio povo. E a intervenção de Judá, que vende José por vinte ciclos de prata, figura o evento desencadeador da entrega de Jesus para ser crucificado, ou seja, o acordo firmado por Judas com os líderes religiosos. Como na história de José, por ironia, Judas também age sem conhecimento das reais consequências de sua ação, mas coopera para o plano maior que unifica a história de Deus e seu povo (AUERBACH, 1971).

Como é característico nas personagens bíblicas, portanto, as ações conflituosas e contraditórias se dão no contexto de ações cotidianas, raramente conscientes de seu propósito, que só é conhecido e traçado por Deus. Nesse sentido, Judá e Judas são motivados por sentimentos que, embora próprios de sua humanidade, servem a um propósito maior, que só o narrador é conhecedor e dele partilha com seu público, guiando sua leitura e significação da história.

Relevante para nossa análise é observar a função introdutória desse evento ao processo de entrega de Jesus e de providenciar sua contextualização à festa da Páscoa. Jesus prenunciara que sua Paixão se daria na Páscoa, mas os líderes religiosos queriam evitá-la naquele momento. O conflito que se instaurara nesse ponto, portanto, não se traduz em viver ou morrer, mas morrer ou não durante as comemorações da Páscoa.

Nesse sentido, Judas cumpre a função de providenciar o anunciado por Jesus, sendo parte da resolução do conflito inaugurado logo na abertura da narrativa da Paixão. Cabe a ele, com as ações que tomará na sequência, providenciar para que a entrega de Jesus ocorra conforme predito.

Mais adiante, durante a Última Ceia, Judas volta à cena. Enquanto Jesus comia a ceia com seus discípulos, afirma que um dentre eles será quem o entregará, sendo Judas (26,25) o indicado como tal, cujo destino será trágico: “ai daquele homem por quem o Filho do Homem é entregue. Melhor seria que não tivesse nascido” (26,24). Depois destes acontecimentos, Judas voltará à cena para concretizar sua participação no processo de entrega de Jesus e revelar o significado da previsão que Jesus fizera em 26,24.

Depois da narrativa da passagem de Jesus pelo Getsemani, onde ora e confirma que sua entrega faz parte da vontade do Pai (26,42), Judas chega acompanhado pela multidão enviada pelos líderes religiosos e o beija como sinal para que o prendam, o que acontece sem resistência e voluntariamente. Com isso, compre-se a vontade do Pai, figurada nas Escrituras em que, a partir desse ponto, Jesus os vivenciará sozinho, pois seus discípulos o abandonam.

Por fim, Judas volta à cena quando Jesus é condenado à morte. Nessa altura, ele é tomado por um sentimento de arrependimento e tenta devolver o dinheiro recebido dos líderes religiosos, o que não é aceito. Então, atira as moedas de prata no tempo e vai enforcar-se, o que confirma o desfecho predito por Jesus e imprime à narrativa a dramaticidade que é peculiar à Paixão de Cristo narrada por Mateus.

Considerações finais

Como narrativa cuja tecitura nos permite uma análise literária, a Paixão de Cristo segue uma série de estratégias a partir de categorias próprias da literatura, cujas convenções remetem às Escrituras e as técnicas recorrentes de seus escritores. Para tal verificação, analisa-se, neste artigo, a participação de Judas no relato da Paixão, cuja pesquisa demonstrou algumas dessas convenções.

Foi possível, por exemplo, verificar que a repetição do verbo entregar materializa-se no texto como fio condutor de uma temática perseguida por seu narrador. A entrega de Jesus para ser crucificado segue um plano divino, que se concretiza nas ações humanas e que são significadas por meio de cenas-padrão e da interpretação figural. As cenas-padrão trazem à memória do público histórias semelhantes vivenciadas por outros personagens bíblicos enquanto se convertem em figura do próprio Jesus, cuja história possui uma dimensão maior e de alcance universal e definitivo.

Judas é um dentre os personagens que toma parte dessa criativa construção de significados que o narrador compartilha com seu público ao narrar sua perspectiva da Paixão de Jesus. Como os demais personagens, Judas age impulsionado por sua humanidade e, sem saber, colabora com a articulação de uma unidade que é o plano divino.

As motivações das ações de Judas para participar da entrega de Jesus não são esclarecidas, mas o que convém ao narrador é mostrar essa entrega como cumprimento das Escrituras, o que compreende alusões, retomada de cenas-padrão e interpretação figural.

Referências bibliográficas

ALAND, B. *et. al.* (editores). **O Novo Testamento grego**: quarta edição revisada com introdução em português e dicionário grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

ALTER, R. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AUERBACH, E. **Figura**: São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BÍBLIA. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.